



Uma proposta ao ACC da Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem

No início de uma recente reunião anual da Comissão Permanente Inter-Anglicana de Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO), nos recordamos de um incentivo do ex-Secretário Geral, Arcebispo Josias Idowu-Fearon, que se reuniu com a IASCUFO no início de seu atual mandato de cinco anos. Ele descreveu a tarefa da Comissão como proporcionar um sólido escrutínio teológico para ajudar a discernir a vocação da Comunhão Anglicana. Em nossa reunião deste ano, o novo Secretário Geral, Bispo Anthony Poggo, exortou a Comissão a refletir teologicamente sobre os Chamados que resultaram da Lambeth Conference e a conectá-los com questões não resolvidas, relativas às estruturas de tomada de decisão na Comunhão Anglicana.

Em 2006, o Arcebispo Rowan Williams ajudou a articular a forma da eclesiologia Anglicana. Os/as Anglicanos/as têm tentado, ele disse, encontrar uma forma de ser a Igreja que não seja “nem fortemente centralizada nem apenas uma federação dispersa de órgãos essencialmente independentes: uma Igreja que procure ser uma família coerente de comunidades reunidas para ouvir a leitura da Bíblia” e, sempre e onde for possível, “repartir o pão e compartilhar o vinho como convidados/as de Jesus Cristo, assim como celebrar uma unidade na missão e no ministério mundiais. É isso que a palavra ‘Comunhão’ significa para os Anglicanos e é uma visão que tomou forma mais clara em muitos de nossos diálogos ecumênicos” (Challenge and Hope of Being an Anglican Today, 27 de junho de 2006, disponível on-line).

Seguindo esta linha de pensamento ecumênico, desejamos, neste breve documento, esboçar um trabalho que nos proporíamos a empreender para ajudar a esclarecer os caminhos a serem seguidos para a Comunhão Anglicana. Conseguiremos encontrar maneiras de abarcar nossas divisões atuais dentro da comunhão de nosso batismo comum navegando entre a centralização indevida e a autonomia irrestrita? Podemos,

desta forma, reenquadrar nossas controvérsias e a disparidade de nossa vida comum dentro de um compromisso compartilhado de tentar caminhar juntos/as com nosso Senhor no caminho para a plena comunhão?

Abordar as Controvérsias

A Comunhão Anglicana tem enfrentado vários desafios estruturais nas últimas décadas, os quais ainda temos que enfrentar de forma consistente e coerente. Esse “déficit” Inter-Anglicano apareceu pela primeira vez com respeito à ordenação de mulheres, que a Comunhão procurou abordar de forma ordeira e respeitosa, tanto na Lambeth Conference como em uma comissão subsequente que cunhou a frase “o mais alto grau de comunhão possível”. Em alguns casos, as igrejas provinciais procuraram acomodar visões variadas, desenvolvendo estruturas de discernimento, que foram entendidas como experimentos eclesiológicos.

“Os desacordos sobre as relações entre pessoas do mesmo sexo e seu lugar na Igreja têm se mostrado mais arrastados e continuam sem solução. Enquanto o ensinamento da Lambeth Conference de 1998 [resolução] 1.10 serve para a maioria dos/as Anglicanos/as como um importante e até mesmo abalizado parâmetro, muitos/as outros/as gostariam de vê-lo atualizado ou descartado por completo. Em meio à contínua discordância doutrinária, teológica e exegética, bem como em meio à ampliação da divisão, várias igrejas se recusaram a participar das reuniões da Lambeth Conference tanto em 2008 quanto em 2022 e se abstiveram de outros Instrumentos de Comunhão. Enquanto isso, outras províncias mudaram seus ensinamentos e práticas para acomodar o casamento entre pessoas do mesmo sexo”.

A Comunhão Anglicana encontra-se hoje diante de um escopo de discernimento improvisado, desenvolvido em uma série de decisões e estratégias ad hoc. Para alguns, isto pode não ser um problema, mas complica a resposta ao chamado da comunhão, que exige algum grau de concordância e consenso. Podemos, por exemplo, falar ainda de uma única Fé e Ordem compartilhada pelos/as Anglicanos/as, como a famosa Resolução 49 da Lambeth Conference de 1930 presumiu? Em caso negativo, até que ponto ainda somos uma única comunhão de Cristãos e Cristãs?

Como um grupo que se pergunta precisamente sobre estas questões, a IASCUFO acredita que a Comunhão Anglicana deve tentar afirmar novamente no que acredita e buscar uma expressão fiel e visível para a vida em conjunto na Igreja. Isso porque, além disso, os/as Cristãos/ãs Anglicanos/as e as províncias esperam concordar entre si no mais alto grau e extensão possível; a IASCUFO acredita que a Comunhão Anglicana precisa considerar meios ordenados de discernimento estrutural como uma expressão eclesiológica de discordar de forma adequada. Um “bom discernimento” (Good differentiation) poderia permitir uma ponderação contínua e consciente no caminho para o consenso a que somos chamados, mas que não podemos alcançar no momento.

Bom Discernimento?

Este projeto não teria como objetivo presumir a inevitabilidade de tal discernimento, nem o consagrar a longo prazo, nem tomar partido em nossas dolorosas divisões. Ao

contrário, a tarefa seria reconhecer a realidade e a profundidade de nossas divisões e tentar descrevê-las da forma mais teologicamente responsável possível. Isto exigirá uma doutrina da Igreja fundada na unidade formada por Cristo de “um só corpo por meio da cruz”, que possa fazer sentido sobre o árduo trabalho de reconciliação ao qual somos chamados, não apenas entre Anglicanos/as, mas com todos/as cristãos/ãs (Ef. 2). Longe de procurar completar ou curar nossa Comunhão, nosso interesse será ver a vocação Anglicana através de uma lente amplamente ecumênica.

As divisões e disputas entre as igrejas não são novas, mas o Movimento Ecumênico percorreu um longo caminho para reenquadrar nossos argumentos com referência à unidade persistente de um só Corpo de Cristo. Muitas vezes encontramos pontos em comum nos primeiros acordos da Igreja apostólica; ou, novamente, com referência a distintas tradições espirituais e teológicas, como na acomodação da Igreja Católica de diversas ênfases franciscanas, dominicanas e jesuítas. Visto desta forma, todas as nossas denominações e estruturas parecem provisórias. Nossos próprios Instrumentos Anglicanos de Comunhão são de origem recente e podem precisar de adaptação em relação aos nossos desafios atuais.

Versões desta sugestão têm surgido nos últimos anos de vários círculos, pois pessoas de boa vontade têm se esforçado para dar espaço umas às outras para além da diferença. A estrutura pactual proposta da Global South Fellowship of Anglican Churches (Aliança de Igrejas Anglicanas do Sul Global), por exemplo, merece consideração cuidadosa, assim como nossas conversas ecumênicas que refletiram cuidadosamente sobre graus de comunhão em um só Corpo de Cristo.

Também encontramos um precedente para nossa proposta na tradição Anglicana de reticências eclesiásticas. O arcebispo Michael Ramsey invocou a “incompletude” da Igreja Anglicana, que aponta “através de sua própria história para algo do qual ela é um fragmento”. O Anglicanismo é “confuso e desordenado, restringe a organização e a lógica”, escreveu Ramsey, “pois ele não é enviado para louvar a si mesmo como ‘o melhor tipo de cristianismo’”, mas, por sua própria segmentação, para apontar na direção da Igreja universal na qual todos/as morreram” (Gospel and the Catholic Church [Evangelho e Igreja Católica], citado pela IASCUFO em Towards a Symphony of Instruments [Rumo a uma Sinfonia de Instrumentos] 5.5.4, disponível on-line). Se a comunhão das igrejas Anglicanas centrada na Cantuária é uma oferta provisória ao corpo mais amplo de Cristo, não há razão para não se considerar novas formas e meios de “bom discernimento” que possam acomodar nossos desacordos da maneira mais generosa possível.

O que o ACC é chamado a fazer?

Solicitamos que o Conselho Consultivo Anglicano considere e aceite a seguinte Resolução:

O Conselho Consultivo Anglicano

- Acolhe a “Proposta” da IASCUFO de analisar questões relacionadas à estrutura e tomada de decisão na Comunhão Anglicana como crucial para nosso chamado a sermos um só;

- Afirma a importância de se procurar caminhar juntos/as no mais alto grau possível, e aprender com nossas conversas ecumênicas sobre como acomodar o desacordo pacientemente e respeitosamente;
- Solicita à IASCUFO que prossiga com este trabalho e relate seu progresso aos Instrumentos da Comunhão.